

ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E NA COMPREENSÃO DA ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM.

Ivandrigues Torres de Sá¹
Carmen Lourdes F. Santos Jacaúna²

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de apresentar os resultados da pesquisa com a temática “Artefatos Arqueológicos como ferramenta pedagógica no Ensino de Geografia e na compreensão da Arqueologia da Paisagem”, realizada com professores e alunos do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I da Escola Municipal “São Pedro” na Comunidade do Parananema em Parintins/AM. O interesse por essa pesquisa surgiu com a participação das atividades do subprojeto “Novos Talentos”, que tem como tema “Patrimônio Cultural e Memória no Assentamento de Vila Amazônia: Um estudo de meio para inclusão social e desenvolvimento da cultura científica em Parintins/AM”, desenvolvido na área referente ao Projeto de Assentamento de Vila Amazônia e Valéria. Mediante essa participação, veio a ideia de desenvolver um projeto cujo objetivo é estudar a viabilidade de utilização o Sítio Arqueológico localizado na comunidade do Parananema como espaço não-formal de aprendizagem, considerando os artefatos arqueológicos como instrumento facilitador para o ensino de geografia e a compreensão da arqueologia da paisagem. Para o desenvolvimento desse estudo utilizou-se a pesquisa quanti-qualitativa e como base fundamental para os processos que ocorreram até chegarmos a um resultado foi empregado o método hermenêutico dialético. E por meio do desenvolvimento dessa pesquisa foi possível observar o interesse e a participação dos professores e alunos da escola sobre a importância dos artefatos arqueológicos no ensino aprendizagem de Geografia e na vida dos mesmos.

Palavras Chaves: Ensino de Geografia, Arqueologia da paisagem, Espaços não formais.

¹ Graduando do curso de Geografia, do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA.

² Professora MSc. do curso de Geografia, do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresentará os resultados da pesquisa com a temática “Artefatos arqueológicos como ferramenta pedagógica no Ensino de Geografia e na compreensão da Arqueologia da Paisagem” que foi realizado com os alunos de 4º e 5º anos da Escola Municipal “São Pedro” da Comunidade do Parananema situada em Parintins/AM. No entanto como esta pesquisa envolve professores e aluno de uma escola procurou-se estudar a possibilidade de utilizar artefatos arqueológicos como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia e no entendimento da arqueologia da paisagem.

Em relação aos procedimentos desse estudo, empregamos procedimentos de cunho qualitativo, na qual utilizamos amostras quantitativas como auxílio na exposição de resultados. Entretanto a princípio, fundamentamos a referida pesquisa com o método interativo hermenêutico dialético. Em sequência a estrutura desse trabalho está organizada da seguinte forma:

No primeiro momento discutiremos sobre o ensino de Geografia no ambiente escolar no qual utilizamos Cavalcante (1998) e Souza (2013) como autores que fundamentam essa temática. Em diante ressaltaremos os espaços não-formais de ensino e aprendizagem com Rocha (2010) e Jacobucci (2008) sendo esses autores que abordam esse assunto. Em seguida falaremos sobre a relação da arqueologia com a geografia. Sobre esta temática incluímos Honorato (2009) e Souza (2005). Por fim caracterizamos o local de estudo dessa pesquisa e descrevemos os resultados alcançados, onde foi bastante relevante a possibilidade de estudar a Geografia em um sítio arqueológico, pois se tornou uma prática muito gratificante em relação aos conhecimentos geográficos de professores e alunos, parceiros da pesquisa.

2 POR UMA NOVA PRÁTICA METODOLÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA NO AMBIENTE ESCOLAR

O ensino de Geografia se torna um fator muito importante para sociedade, pelo fato de ter como responsabilidade de estudo as categorias que constituem o espaço geográfico e que este, cada vez mais, está se transformando e de certa forma esta transformação afeta a própria sociedade, na qual a mesma precisa aprimorar mais seus conhecimentos no entendimento sobre essas dinâmicas geográficas.

No que tange ao ensino de Geografia na escola, a ciência geográfica passa por várias problemáticas dentre as quais temos a reprodução da geografia tradicional que ainda adentra as práticas metodológicas de muitos professores. Mediante isso, podemos dizer que os métodos desenvolvidos pela geografia tradicional na escola já estão superados e não trazem mais resultados eficientes ao se tratar da aprendizagem de muitos alunos, visto que o espaço geográfico está em constante transformação e os procedimentos utilizados no ensino da Geografia tradicional não estão acompanhando essas atualizações. Por isso, necessita-se de uma modificação na metodologia empregada ao ensino da Geografia.

Ainda que existam muitos problemas relacionados ao ensino de Geografia na escola, podemos entender que um dos mais visíveis é a prática da memorização. Para Cavalcante (1998, p. 20):

O ensino de Geografia (...) não se deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte deles). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições.

No entanto, o que podemos observar é que muitos problemas como esses ainda estão sendo reproduzidos nas salas de aula e deixando o aluno sem se questionar o porquê dos acontecimentos ocorridos e os que pode vir a ocorrer no espaço geográfico. Talvez seja por isso que a metodologia empregada pela geografia tradicional não é muito eficaz em repassar o conhecimento geográfico, pois não está acompanhando as mudanças sucedidas no decorrer do tempo e no contexto espacial ao qual o discente está associado. Com relação a isso Souza discorre que “o ensino da Geografia, nesta perspectiva metodológica, não vem conseguindo acompanhar as transformações no tempo e no espaço” (SOUZA, 2013, p. 05).

Levando para o contexto escolar, há ainda algumas escolas que adotam o ensino de geografia como secundário, ao limitar conhecimentos, explicando-os somente em sala de aula, sem manter o contato dos alunos com o contexto geográfico, ou seja, o professor explica teoricamente o conteúdo de geografia e não relaciona o mesmo com as sugestões e opiniões dos alunos e também com a prática fora do ambiente escolar. Diante disso, temos o processo de ensino de geografia fragilizado, pois precisa ser mais dinâmico em relação ao histórico e as expectativas do aluno.

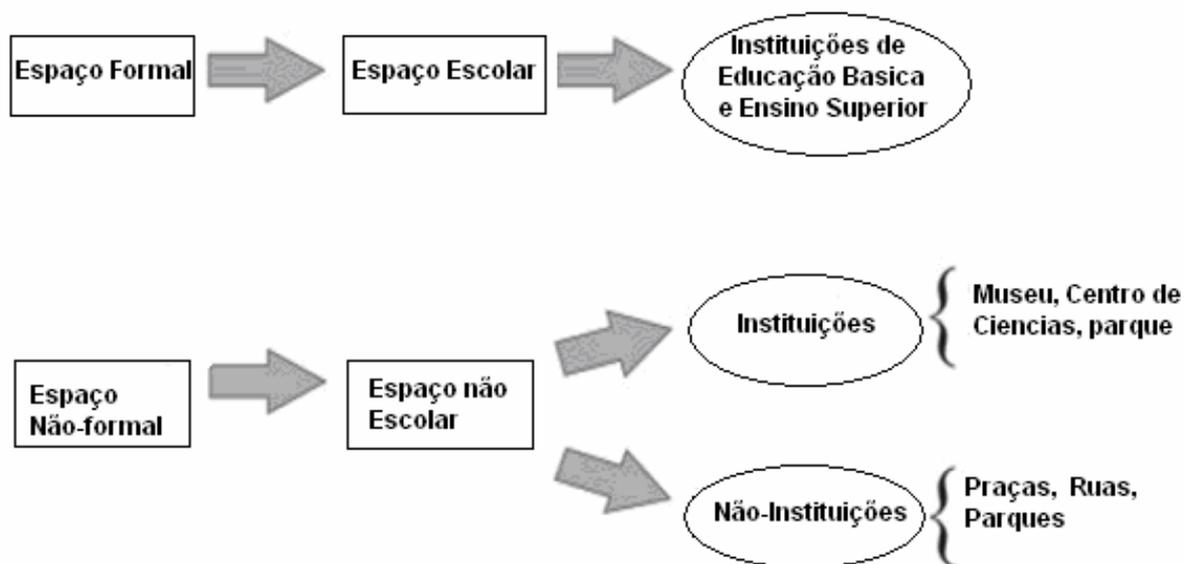
3 ESPAÇOS NÃO FORMAIS: POSSIBILIDADES PARA ENSINAR E APRENDER

Para falarmos sobre a importância dos espaços não formais de ensino e aprendizagem e suas potencialidades para ensinar Geografia, é preciso primeiramente entender o conceito de espaço formal. De acordo com Rocha (2010, p. 104) *apud* Jacobucci (2008, p. 56) esse:

(...) é o espaço escolar, que está relacionado às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior definida na Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Trata-se da própria escola com seus constituídos departamentos que auxiliam o ensino e aprendizagem como a sala de aula, sala de professores, secretaria, biblioteca, quadra poliesportiva, refeitório e etc.

Através de um quadro sintético com relação ao espaço formal e não formal de ensino e aprendizagem Jacobucci (2008, p. 57) classifica-os e define-os da seguinte forma:



Quadro: Definições de espaço formal e não formal de ensino aprendizagem de acordo com (JACOBUCCI, 2008, p. 57).

Como podemos perceber, o quadro acima cita o espaço escolar como espaço formal para ensinar e aprender e denomina o espaço não-formal de ensino e aprendizagem como espaço não-escolar, classificando-o em dois tipos: locais que são instituições e locais que não são instituições. Dentro desse pensamento os locais que são instituições são aqueles que possuem toda uma equipe técnica de organização para poder dar execução das atividades praticadas nas mesmas, como por exemplo, museus, instituições de pesquisas, parques ecológicos, laboratórios, etc. Na questão dos locais que não são institucionais podemos considerar os que não possuem uma estrutura para dar suporte a atividades educacionais como, por exemplo, a rua, a praça, um sítio arqueológico, um terreno, a casa, um cinema e vários outros lugares que podem ser adotados como aparatos para ensinar e aprender.

Ainda que existam autores que têm outras concepções e geram outros debates sobre os espaços não-formais de ensino e aprendizagem, optamos pela discussão dos autores citados. Muitas escolas, ainda que bem equipadas, pecam muito na educação e em suas atividades causam a falta de interesse dos alunos com os conteúdos. Porém podemos ressaltar que muitos professores utilizam dos espaços não formais de aprendizagem como meio de chamar mais a atenção dos discentes, tornando melhor o ensino e deixando as aulas mais prazerosas, fazendo assim despertar o interesse dos alunos pelos estudos.

4 A RELAÇÃO ENTRE GEOGRAFIA E ARQUEOLOGIA

Diante dos diversos conhecimentos científicos, a Geografia é a ciência que estuda o planeta Terra, ou seja, a inter-relação existente entre o homem e o meio. Sendo assim, pode-se dizer que a mesma é interdisciplinar e abarca outras ciências que auxiliam no seu entendimento como a geologia, a sociologia, a engenharia, a agronomia, etc. Portanto sofre grande influência da arqueologia.

A arqueologia procura estudar o passado através de vestígios materiais como cerâmicas, líticos ou (ferramentas de pedra) e rastros ou indícios deixados por antigos grupos sociais que podem ser usados para a aquisição de conhecimentos de uma determinada organização social, onde através de registros, o pesquisador pode começar a interpretar e entender os costumes e a cultura de um antigo povo: como se vestiam, o que comiam, como viviam naquele lugar. De acordo com Honorato (2009, p. 127):

A arqueologia é o estudo da sociedade por meio de seus vestígios, que podem ser artefatos concretos e palpáveis, como uma cerâmica ou um lítico (instrumento de pedra), ou evidências mais abstratas, como os indícios de uma fogueira e de um acampamento, entre outras.

Ainda é através dos registros arqueológicos que o pesquisador vai alcançar o seu objetivo, que é conseguir compreender o processo histórico daquela sociedade que vivia no lugar onde ocorreu o achado arqueológico; ou seja, “a partir de sua cultura material, toda produção humana pode se tornar objeto de investigação arqueológica e acaba se tornando uma importante fonte de dados para os arqueólogos” (GUERRA, 2008, p. 05).

É importante salientar que quando se fala em achados arqueológicos, logo se vem o interesse de querer saber o que é um sítio arqueológico? Segundo a cartilha *Arqueologia: descobrindo o passado* (INUMA & MENDONÇA, s/d), um sítio é o local onde são encontrados os artefatos ou fragmentos arqueológicos. Podem ser de vários tipos: sítios líticos ou cerâmicos e em sequência os próprios artefatos nos darão a informação dos tipos de sítios, se são pré-coloniais, coloniais, históricos ou até subaquáticos dependendo do local descoberto.

Geralmente, na Região Amazônica, os artefatos arqueológicos são encontrados em áreas que concentram as chamadas “Terras Pretas de Índio”, áreas em que o solo tem uma coloração escura e que se apresentam como solos bastante férteis, isto é, “estes solos (...) estão relacionados com os locais de antigos assentamentos, contendo artefatos culturais, e apresentam elevada fertilidade natural”. (CAMPOS, 2012, p. 21). De fato

podemos compreender que na superfície terrestre onde encontramos esses antigos fragmentos arqueológicos habitavam antigos povos que deixaram suas marcas.

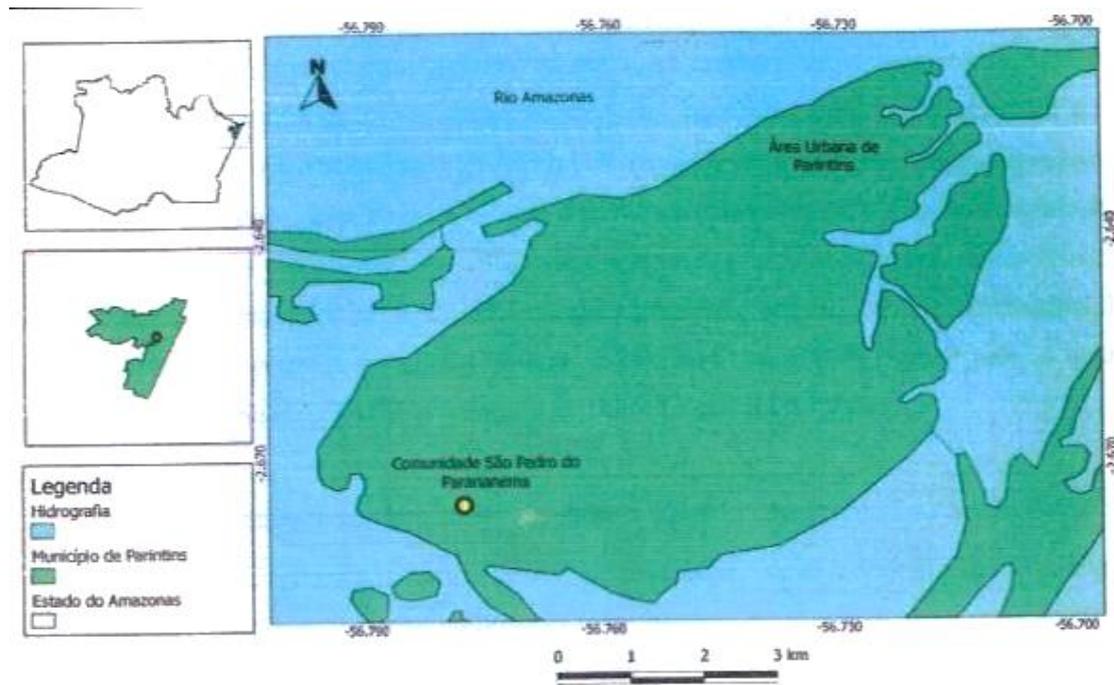
Dentro de uma relação científica, a Geografia vai se fazer valer da Arqueologia da paisagem como meio de pesquisa, aonde o pesquisador não irá se inserir profundamente nos registros arqueológicos no sentido de buscar compreender a história dos povos antigos que viveram naquelas terras, também de analisar os vestígios e as interferências que ocorreram nos locais de sítios. Nesse sentido Souza (2005, p. 295) afirma que, no que diz respeito aos sítios:

o seu potencial como instrumento de inferência é redimensionado, o que vem permitindo aos arqueólogos e geógrafos culturais, particularmente, elaborarem profícuas reflexões sobre a forma como a paisagem atua na configuração das sociedades, imprimindo valores, normatizando e influenciando comportamentos, legitimando e naturalizando desigualdades, bem como exprimindo resistências.

No contexto em que a arqueologia da paisagem percorre os sítios arqueológicos, podemos perceber que iremos adentrar a princípio nos registros estruturais dos artefatos, estabelecendo uma pesquisa notoriamente arqueológica. Porém, logo em seguida, vamos utilizar pesquisas um pouco mais geográficas, nos quais utilizaremos geoindicadores como base de informação para conseguirmos mais evidências sobre os locais que a população antiga ocupava. Assim será inserido o modo de pesquisa da arqueologia da paisagem como forma de ensinar a geografia.

5 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL “SÃO PEDRO” DA COMUNIDADE DO PARANANEMA

Para a realização dessa pesquisa, tivemos como parceiros de estudo a professora e os estudantes do 4º e 5º anos da Escola Municipal “São Pedro” que fica localizada na Comunidade do Paranema em Parintins/AM. De acordo com Cabral (2013, p. 07) “A Comunidade São Pedro do Paranema está localizada na porção oeste da cidade de Parintins, na coordenada (S 02. 68017º; W 056.77658º)”. Com tese em Tavares (2013) apresentamos o mapa de localização da comunidade, lugar onde se encontra o sítio arqueológico tido como espaço não-formal de aprendizagem, visitado pelos alunos no decorrer do projeto:



Mapa: Localização da Comunidade do Paranema, local do sítio arqueológico (TAVARES, 2013, p. 06).

Devemos ressaltar que as comunidades amazônicas surgem da migração de pessoas que saem de um lugar para outro, formando aglomerações populacionais, ou seja, as comunidades; inclusive quando essas comunidades se formam elas mantem um laço muito forte com o ambiente em que vivem. É nesse contexto que essa pesquisa se insere ao trabalharmos o sítio arqueológico que faz parte do ambiente dos alunos da comunidade.

Segundo Tavares (2013), antigamente, a Comunidade de “São Pedro” do Paranema era denominada “São Benedito” do Paranema, e posteriormente passou a ser chamada de “São Pedro do Paranema”. Essa denominação vem da língua Tupi, onde “Paraná” significa: rios (sorte, vida), e “nema”: fede, fedorento, pitiú, isso por causa de encontrarmos uma grande quantidade de peixes, tartarugas, e tracajás no rio, e também pelo fato da Comunidade situar perto do rio chamado Paranema.

É na Comunidade de São Pedro do Paranema que está localizada a Escola Municipal “São Pedro” do Paranema, da qual os alunos do 4º e 5º ano são estudantes e parceiros na pesquisa. Essa escola surgiu da necessidade de ter um lugar mais adequado para alunos moradores da comunidade, que estudavam em espaços improvisados pelos próprios moradores. Mediante a isso, a Escola foi fundada pelo então prefeito da cidade de Parintins, Raimundo Reis no dia 04 de setembro de 1979.

Mais tarde, no ano de 2007 a escola passou a fazer parte da Zona Rural do município de Parintins.

Atualmente a Escola São Pedro do Parananema possui 109 alunos, tanto do Ensino Infantil quanto Fundamental entre os turnos matutino e vespertino. A escola conta com 1 Gestora, 7 professores, 2 auxiliares, 2 monitores de informática, serviços gerais e vigias fazendo parte do quadro de funcionários. No espaço físico, temos 2 salas de aula climatizadas, 1 laboratório de informática, 1 secretaria, 1 cantina, 2 banheiros (masculino e feminino), 1 almoxarifado e uma área que serve de espaço para eventos, festas e outros lazeres da escola.

Pelo fato da escola se localizar perto de um sítio arqueológico (não institucionalizado), foi desenvolvido o projeto “Artefatos Arqueológicos como ferramenta pedagógica no Ensino de Geografia e na compreensão da Arqueologia da Paisagem”, com o objetivo de estudar a possibilidade da utilização dos artefatos arqueológicos como ferramenta pedagógica no ensino aprendizagem de geografia dos alunos do 5º ano da Escola Municipal São Pedro da Comunidade do Parananema em Parintins. Partimos do entendimento da arqueologia da paisagem, visto que no decorrer de seus conteúdos pedagógicos, a ciência geográfica vem nos oferecendo um leque de informações, pois sabemos que esta ciência é bastante abrangente e interdisciplinar. Assim podemos perceber sua influência nas outras ciências, como citado anteriormente e, em particular, a arqueologia como a ciência que estuda as sociedades passadas através de artefatos concretos e evidências mais abstratas deixadas por antigos grupos sociais.

É considerável dizer, que através da arqueologia entendemos melhor a geografia de um determinado lugar, levando em consideração a questão da produção do espaço e indagando não somente os registros encontrados em um sítio arqueológico, mas também procurando averiguar juntamente, com geoindicadores, a questão de como aquela população antiga ocupava o sítio arqueológico, mantendo assim, a linha de pesquisa da arqueologia da paisagem. Através dessa pesquisa foi possível perceber a importância da arqueologia no ensino aprendizagem das aulas de Geografia dos alunos da Escola Municipal “São Pedro” do Parananema.

6 A CIÊNCIA DA ARQUEOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO E ENTENDIMENTO DA ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM

Em virtude de a pesquisa ter sido realizada com sujeitos, com pessoas que colocaram em exposição o seu pensamento, analisando alguns registros que ficaram de sociedades passadas, estes contribuíram para a aquisição de informações, inserido nos resultados esperados em um estudo que foi conduzido por uma pesquisa qualitativa, pois para Lakatos (2011, p. 269):

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.

A partir do delineamento da pesquisa - que a princípio planejou obter informações sob uma abordagem qualitativa - em seu decorrer, fez-se necessário o uso de gráficos para melhor compreensão dos resultados. O método hermenêutico dialético como fundamento da pesquisa, neste método Oliveira (2008, p 124) salienta que:

A metodologia interativa é um processo hermenêutico-dialético que facilita entender e interpretar a fala e depoimentos dos atores sociais em seu contexto e analisar conceitos em textos, livros e documentos, em direção a uma visão sistemática da temática em estudo.

Entretanto foi importante a fundamentação deste método nessa pesquisa, pois para alcançarmos resultados, foi necessário executar uma metodologia específica da área da educação chamada sequência didática, uma vez que foi planejado um roteiro para nortear as atividades que foram aplicadas na escola. Sobre esta premissa Silva e Oliveira (2009, p. 02) salientam que:

Uma sequência didática se refere a uma sequência elaborada pelo professor que proporciona uma escolha ou organização de atividades que explorem o domínio do conhecimento dos alunos em sala de aula.

Empregamos como instrumento de pesquisa o questionário. Segundo Fonseca (2008, p. 113) “o questionário (...) é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita fazer mensurações (medir) com melhor exatidão o que se deseja”. No entanto a princípio este trabalho iria ser aplicado apenas com os alunos do 5º ano do ensino fundamental, mas ao nos direcionarmos à escola, deparamos com uma turma multisseriada, no qual a professora ministra aulas para o 4º e o 5º anos.

No decorrer do projeto, primeiramente foi feita uma exposição oral e dialogada para os alunos e a professora da escola Municipal “São Pedro” do Paranema sobre a temática do projeto, com ênfase no que é Arqueologia (?); O que é sítio arqueológico (?); O que é Arqueologia da paisagem (?) e sua dimensão na geografia. Isso facilitou o entendimento dos alunos e da professora sobre o estudo dos artefatos arqueológicos e sua importância para o ensino aprendizagem de Geografia.

No segundo momento, os alunos juntamente com a professora, foram levados em um ônibus para o sítio arqueológico que se encontra a aproximadamente 200 metros de distância da escola na própria comunidade.

Chegando ao sítio arqueológico os alunos formaram duplas, e foi proposto aos mesmos que procurassem vestígios para entender o que ocorreu naquele lugar. Mediante isso foram orientados a encontrar os artefatos e a descrevê-los no caderno com pouco contato físico nos mesmos e observar o ambiente que já teria passado por várias modificações desde as primeiras ocupações que daquele ambiente. Assim usariam o método da arqueologia da paisagem com pouca intervenção nos artefatos arqueológicos e se preocupando mais com o modo de habitação dos povos que ocuparam por um tempo aquele espaço.

Enquanto os alunos observavam, também eram ministradas explicações sobre o que teria acontecido naquele lugar, onde se encontravam os artefatos, como hipótese, aquele teria sido um lugar onde moravam antigos grupos indígenas, pois detectamos vários fragmentos cerâmicos e a concentração de terra preta na paisagem.



Figura 1: A chegada dos alunos no sítio arqueológico

Fonte: Carmem Lourdes, 2014.



Figura 2: Concentração de terra preta de índio

Fonte: Ivandrigues Torres, 2014.

Haja vista que quando os alunos encontraram os artefatos arqueológicos logo começaram a se questionar e a perceber que estávamos em um sítio arqueológico, assim também lembravam as explicações que tinham sido feitas em sala de aula. No entanto o primeiro questionamento foi como aqueles fragmentos chegaram naquele lugar? E a única concepção a respeito disso poderia ser o rio como via de passagem para os grupos que permaneceram um tempo no local e confeccionaram utensílios cerâmicos para sua sobrevivência e que hoje estes só podem ser identificados em partes no solo, como fragmentos.

Ao verificarmos o ambiente também observamos que o local já foi bastante antropizado desde as épocas passadas, quando essas populações passaram por ali. Afinal encontramos currais com cavalos, pequenas casas de madeiras com muros de alvenaria; também foi percebida a presença de uma segunda vegetação, pelo fato de que o local é uma área que pertence a um aeroporto construído próximo ao sítio arqueológico e que, de certa forma, com sua instalação modificou partes do local. Vale lembrar que no local do sítio arqueológico também abriram uma estrada para o trânsito de veículos na comunidade e isso foi mais uma modificação que ocorreu na paisagem daquele lugar.

Depois que foram dadas explicações práticas no local de estudo, o caso, o sítio arqueológico da Comunidade do Parananema. Encaminhamos os alunos e a professora de volta ao ambiente escolar, onde aplicamos 29 questionários aos alunos com perguntas fechadas e um questionário para a professora com perguntas abertas baseados na possibilidade da utilização dos artefatos arqueológicos como ferramenta pedagógica para ensinar e aprender Geografia através do entendimento da arqueologia da paisagem.

Em relação ao ensino e aprendizagem dos professores e alunos fizemos a seguinte pergunta para os mesmos a arqueologia pode ser estudada na escola? 86% dos alunos entrevistados responderam sim e somente 14% responderam não. Em relação a mesma pergunta acima, a professora responde que *“Não só pode como deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, pois através dela (arqueologia) os alunos passarão a conhecer a história (origem) do espaço onde vivem compreendendo como ocorreu a dinâmica do espaço, no caso, da comunidade onde a escola está situada.”* Diante das considerações mencionadas pela professora podemos inferir que *“a geografia (...) é uma ciência abrangente e interdisciplinar por excelência. Por estar inserida num campo tão amplo quanto o das ciências da Terra”* (HONORATO, 2009, p. 128).

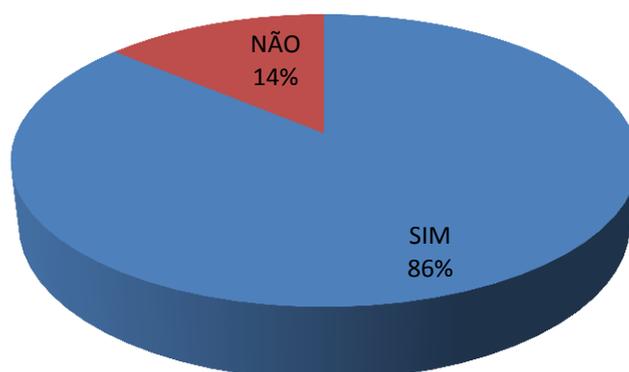


Gráfico 1: Relação em porcentagem dos alunos que responderam a seguinte pergunta “A arqueologia pode ser estudada na escola?”
Fonte: Prática de campo, 2014.

Analisando a resposta dos e professores e alunos, logo percebemos que é importante inserir a arqueologia de forma interdisciplinar nos conteúdos geográficos durante as aulas de Geografia.

Outra pergunta foi: é possível estudar geografia no sítio arqueológico? Nesse caso 83% dos alunos entrevistados responderam sim e apenas 17% responderam não. Na concepção da professora “*A geografia em nossa comunidade é muito forte, no sentido de ter rios, matas, projetos voltados para a educação ambiental. E o sítio arqueológico não é diferente, pois permite estudar o lugar, a paisagem, o solo, a importância dos rios, etc. Dessa forma o sítio arqueológico é um importante espaço não formal de aprendizagem de geografia*”. Logo, “os espaços não formais relacionam-se (...) com lugares não-institucionalizados” (JACOBUCCI, 2008, p. 57). Diante disso podemos perceber que além de ser possível ensinar e estudar a geografia em um sítio arqueológico, o mesmo pode ser um espaço não-formal de aprendizagem.

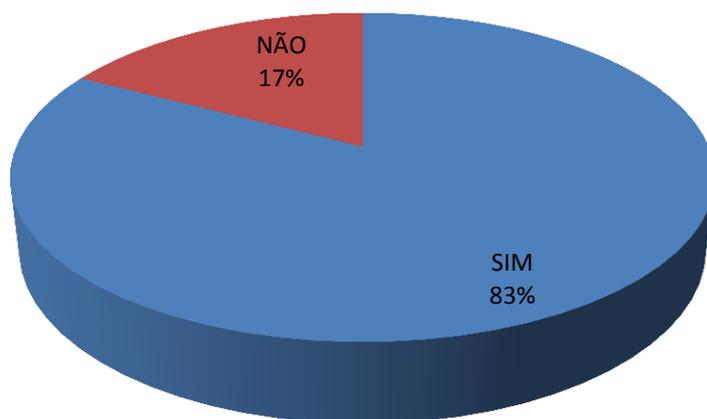


Gráfico 2: Relação em porcentagem dos alunos que responderam a seguinte pergunta “É possível estudar geografia no sítio arqueológico?”

Fonte: Prática de campo, 2014.

Mais a diante foi feita a seguinte pergunta podemos entender como e porque as pessoas escolhem um lugar para viver por meio de pesquisas arqueológicas? A esse questionamento, 76% dos alunos responderam sim e 24% deram como resposta não. Segundo a professora “*com certeza, pois ao descobrir um sítio arqueológico e passar a conhecer sua localidade e os objetos que ali se encontram, é possível perceber as características do lugar como: o tipo de solo, o fácil acesso ao rio, etc. O que de certa forma nos leva a deduzir que as características da paisagem e lugar foram propícias para que uma etnia ali se instalasse*”. No entanto para Honorato (2009, p. 131):

a arqueologia (...) considera não apenas os artefatos arqueológicos encontrados nos sítios, mas também todo um contexto ambiental, utilizando geoindicadores arqueológicos, que podem fornecer uma série de informações e de evidências sobre as populações pré-históricas.

O que percebemos é que através de geoindicadores como características apontadas por pesquisas arqueológicas é possível saber e entender como e porque povos se instalaram em lugares de antigos assentamentos.

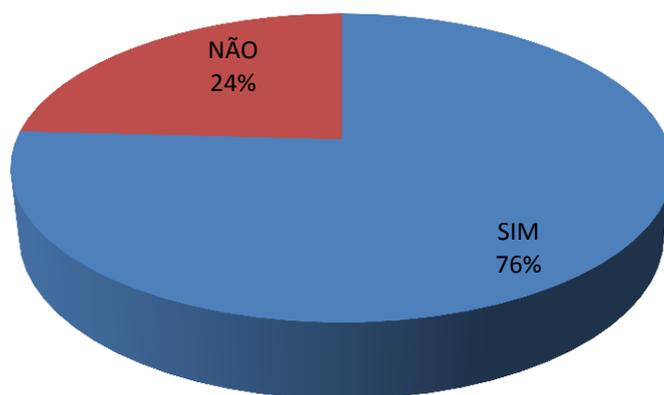


Gráfico 3: relação em porcentagem dos alunos que responderam a seguinte pergunta “Podemos entender como e porque as pessoas escolhem um lugar para viver por meio de pesquisas arqueológicas?”

Fonte: Prática de campo, 2014.

Outra questão que foi apresentada aos alunos e à professora referiu-se a importância de uma aula fora do espaço escolar, ou seja: você acredita que uma aula fora do espaço escolar contribui para entender um assunto estudado? De acordo com as respostas dos alunos 93% responderam que sim e somente 7% responderam não. Na opinião da professora “*Com certeza porque o aluno está mais próximo do objeto a ser estudado, ou seja, de um objeto que está presente no seu cotidiano e que o aluno pode manusear, por exemplo. A percepção do aluno e conhecimento que possui, mesmo no senso comum, facilita a aprendizagem*”. Mediante essas considerações “os estudiosos alertam para a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico” (CAVALCANTI, 1998, p. 20). Uma aula fora do espaço escolar contribui bastante no ensino e aprendizagem de alunos e professores de Geografia, pois se torna mais interessante quando associamos o que está sendo estudado com a realidade do aluno.

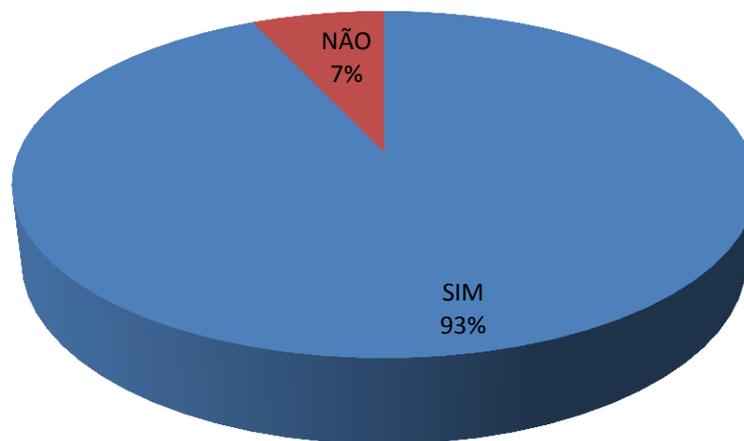


Gráfico 4: Relação em porcentagem dos alunos que responderam a seguinte pergunta “Você acredita que uma aula fora do espaço escolar contribui para entender um assunto estudado?”.

Fonte: Prática de campo. 2014.

Em relação à arqueologia da paisagem foi feita a seguinte pergunta: a arqueologia da paisagem contribui com o ensino e aprendizagem de geografia, no que se refere a facilitar a compreensão da produção do espaço estudado? Dos alunos entrevistados, 86% responderam sim e apenas 14% respondem não. Em resposta a professora menciona que *“O termo arqueologia da paisagem é pouco conhecido, ou pode até ser uma novidade para os professores na escola, mas percebi que é muito interessante para ensinar Geografia, pois como os elementos geográficos estão presentes, visto que é uma aula de campo que chama a atenção dos alunos”*. *“na arqueologia da paisagem (...), ao se localizar e delimitar a área de estudo, temos os artefatos arqueológicos, o solo e o ambiente antropizado”* (HONORATO, 2009, p.131).

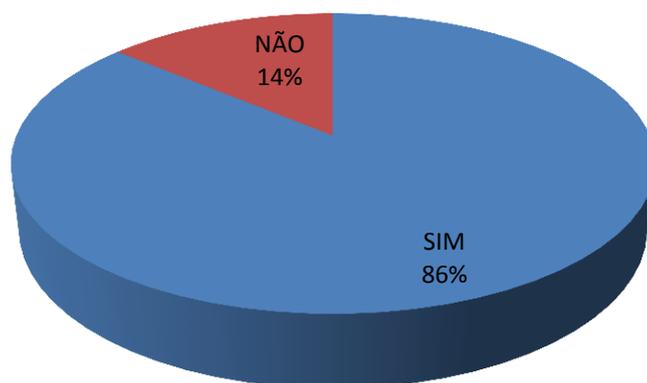


Gráfico 5: relação em porcentagem dos alunos que responderam a seguinte pergunta “A arqueologia da paisagem contribui com o ensino e aprendizagem de geografia?”.

Fonte: Prática de campo, 2014.

Portanto podemos perceber que, para a professora, a arqueologia da paisagem é um termo novo e que contribui bastante para o ensino-aprendizagem dos alunos, pois trabalha com elementos geográficos o que torna uma aula de campo interessante e dinâmica e desperta curiosidade dos discentes nas aulas de Geografia.

No entanto as perguntas feitas através dos questionários aos alunos e professores foram sucintas, na reafirmação de que é possível estudar a Geografia por meio de sítios arqueológicos, sendo assim uma ótima ferramenta de ensino e aprendizagem para ser adotado no Ensino Fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento da pesquisa intitulada “Artefatos Arqueológicos como ferramenta pedagógica no Ensino de Geografia e na compreensão da Arqueologia da Paisagem”, realizada com professores e alunos do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I da Escola Municipal “São Pedro” na Comunidade do Parananema em Parintins/AM, foi possível reafirmar que a geografia é uma ciência interdisciplinar e que a mesma necessita de outras ciências para auxiliar na busca de seus conhecimentos, que lhe torna uma ciência bastante abrangente e muito importante para a sociedade, haja vista que nela se trabalha o espaço geográfico, no qual o homem mantém uma relação com tudo aquilo que está a sua volta.

Na arqueologia a geografia está muito presente, pois podemos perceber que ao estudar um sítio arqueológico utilizaremos a arqueologia da paisagem como método de pesquisa geográfica que nos mostra outro lado da importância dos achados arqueológicos, isto é, procura entender as contínuas ocupações humanas e como se deu aquela transformação na paisagem. No entanto, ressaltamos que arqueologia da paisagem não vai estudar somente os registros arqueológicos, mas também irá dar atenção aos contextos ambientais paisagísticos que serão importantes para extrairmos mais informações sobre as sociedades que ocupavam um determinado sítio.

Ainda que existam atitudes egocêntricas (de alguns pesquisadores geógrafos ou não) de manifestação de estudos científicos, podemos atrelar esse estudo com o processo educacional, no contexto do ensino aprendizagem de professores e alunos de Geografia aos estudos de arqueologia, para que os mesmos percebam e reconheçam a importância e a interdisciplinaridade desses sítios arqueológicos no processo de ensino aprendizagem de geografia e de outras ciências.

Acreditamos também que o estudo da arqueologia junto a alunos e professores proporcionada por meio dessa pesquisa e de seus resultados, não serve apenas como forma didática para o ensino aprendizagem em geografia e para se ter o conhecimento do modo de vida e cultura de povos passados, mas também como meio de valoração dos processos sócio-históricos, da ocupação e uso do espaço regional e da relação dos de diferentes grupos humanos com seu ambiente.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Rickson da Silva. **Educação Ambiental e Escola: Um estudo sobre o Projeto “Pé-de-Pincha” desenvolvido na Comunidade São Pedro do Paranema – Parintins/Am. Parintins-Am.** 2013. p. 01-19.

CAMPOS, Milton César Costa. **Caracterização e gênese de solos em diferentes ambientes fisiográficos na região do sul do Amazonas.** Goiânia: Ed. da PUC Goiás. 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 9º ed. Campinas: Ed. Papirus, 1998.

FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos.** 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

GUERRA, Thiago Peralta. **O sítio Moju 1: Aspectos da cerâmica neobrasileira no município de Moju, Pará.** Pará. 2008. p. 05-24.

HONORATO, Laina da Costa. **Arqueologia da Paisagem e Geoarqueologia: Experiências em Projetos de Pesquisa.** Tópos. 2009. p. 127-147.

INUMA, Pereira Adilon; MENDONÇA, Arminda. **Arqueologia – Descobrimos o Passado.** (S/D).

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos Espaços Não Formais de Educação para a formação da Cultura Científica.** Uberlândia: Ed. Em Extensão. 2008, p. 55-66.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROCHA, Marcelo Augusto. **Educação não formal por meio da Reciclagem de Resíduos Sólidos: Contribuições do Projeto Recriar.** Londrina: Ed. Geografia, 2010. p. 99-117.

SILVA, A. P. B.; OLIVEIRA, M. M. **A Sequência Didática Interativa como Proposta para Formação de Professor de Matemática.** Florianópolis. Nov. 2009. p. 01-11.

SOUSA, André Anderson; ARAÚJO, Poliana Mariano. **Ensino de Geografia através do Lugar: Possibilidade de pensar Comércio, Serviços e Indústria Cultural.** (S/L). 2013. p. 01-11.

SOUZA, Ana Cristina de. **Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais.** Goiânia: Ed. Habitus, jul./dez. 2005. p. 291-300.

TAVARES, Sandrelly Oliveira. Ensinando Geografia através do Projeto Pé-de-Pincha na Escola Municipal “São Pedro” do Parananema com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Parintins-Am. 2013. p. 01-29.